

O TOTALITARISMO ENQUANTO CATEGORIA EM HANNAH ARENDT

THE TOTALITARISM AS CATEGORY IN HANNAH ARENDT

Antônio Batista Fernandes¹

Resumo: Nesse artigo, pretendemos analisar a última parte da obra *Origens do Totalitarismo* (1951), de Hannah Arendt, com o propósito de compreendermos a novidade dos regimes totalitários enquanto sistemas geradores de uma nova forma de governo, que promove o isolamento dos indivíduos visando o domínio total da humanidade. Arendt descreve os campos de concentração e extermínio como sendo a instituição central do poder organizacional do totalitarismo; eles serviram de laboratórios onde a crença fundamental de que tudo é possível foi verificada. Assim, objetivamos abordar a natureza da categoria “totalitarismo” no pensamento de Hannah Arendt, seus principais elementos e o modo como os governos totalitários reduziram o homem à condição de simples membro da espécie humana.

Palavras-chave: Hannah Arendt. Totalitarismo. Campo de Concentração. Naturalização.

Abstract: In this article, we intend to analyze the last part of Hannah Arendt's *Origins of Totalitarianism* (1951), in order to understand the novelty of totalitarian regimes as a system that generates a new form of government, which promotes the isolation of individuals aiming at the total dominion of mankind. Arendt describes the concentration and extermination camps as being the central institution of the organizational power of totalitarianism, which served laboratories where the fundamental belief that everything is possible was verified. Thus, we aim to address the nature of the category of totalitarianism in the thinking of Hannah Arendt, its main elements and how totalitarian governments reduced man to the status of simple member of the human species.

Keywords: Hannah Arendt. Totalitarianism. Concentration Camp. Naturalization.

1. Introdução

A obra *Origens do Totalitarismo* (1951), de Hannah Arendt, é acima de tudo uma tentativa da autora de compreender o terror que foram os sistemas totalitários do século XX e de fazer um alerta sobre os riscos a que a humanidade está exposta em nosso tempo. Arendt busca através da narração dos fatos (*storyteller*), não só analisar em termos históricos os acontecimentos que levaram ao totalitarismo, mas entender como essa forma inteiramente nova de governo foi possível². A grande questão do totalitarismo e o cerne da análise

¹ Doutorando em Filosofia - Universidade Federal do Ceará (UFC). Link do Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4447632D2>.
E-mail: tonybf@bol.com.br
Telefone: (88) 9.9994.4447

² AGUIAR, Odílio Alves. *Filosofia, Política e Ética em Hannah Arendt*, p. 200.

arendtiana baseiam-se no fato de que a natureza humana está em risco, o que reduz os homens à condição de simples membros da espécie, à “vida nua”.

Nesta direção, acreditamos que os campos de concentração desses regimes foram os primeiros a reduzirem o homem à sua condição infra-humana, promovendo uma profunda animalização da espécie humana. Arendt aborda como sendo central nesse processo de naturalização: a superfluidade das massas, a eliminação da liberdade humana através de uma ideologia sem fundamento e a inutilidade da vida, que é institucionalizada através dos Campos de Concentração³ que aniquilaram a pessoa jurídica e moral dos homens. Sendo tudo isso profundamente necessário para que as pessoas ficassem desamparadas e sem lugar no mundo.

A autora descreve os campos de concentração como sendo laboratórios em que a crença fundamental do totalitarismo de que tudo é possível foi verificada. Embora os campos de concentração não sejam uma criação do totalitarismo, eles tornaram-se o núcleo dos regimes totalitários, de modo que não existe totalitarismo sem campos de concentração e extermínio; os campos criam um espaço de animalização do homem sem precedentes na história, privando-os de toda espontaneidade, destruindo sua capacidade política e reduzindo o homem à sua natureza humana. Assim, nos regimes totalitários tudo o que é mais característico dos seres humanos deve ser destruído.

A pretensão de domínio total, baseada na crença de que tudo é possível, criou uma das mais terríveis formas de governos de todos os tempos, que não pode ser comparada com nenhum tipo de monarquia, tirania, aristocracia ou democracia. Essa nova forma de governo se sustenta em uma propaganda, oriunda de uma ideologia, que utiliza a mentira para manipular e conseguir o apoio total das massas. Assim, Arendt acredita que o grande risco a que estamos expostos em nosso tempo, é que essa forma de governo permaneça conosco de agora em diante, como permaneceram outras formas de governo surgidas em diferentes momentos históricos.

2. A categoria totalitarismo

Em *Origens do Totalitarismo* (1951), livro que deu notoriedade internacional a Hannah Arendt, a autora apresenta através de uma abordagem bastante diferente alguns relatos históricos de elementos que levaram ao totalitarismo, sendo que, não necessariamente,

³Cf. CANOVAN, Margareth. *Hannah Arendt: a re-interpretation of her political thought*, p. 61.

esses elementos são causas de explicação do evento totalitário⁴. A princípio Arendt queria em sua obra analisar o regime nazista como uma espécie de sucessor do imperialismo; só mais tarde, após ter escrito as duas primeiras partes do livro é que a autora chega à compreensão da categoria totalitarismo, passando então a tratar o nazismo como totalitarismo e incrementando o bolchevismo e a União Soviética como objeto de estudo paralelo⁵, afastando-se assim de seu projeto inicial.

Arendt não abandona suas pretensões iniciais por inteiro, somente passar a ver as duas primeiras partes do livro como os elementos cristalizadores dessa forma de governo totalmente nova. A autora reconhece que sua obra não traz de fato as origens do totalitarismo e que existe uma falta de explicação de como as duas partes iniciais devem se relacionar com a última parte. É nessa perspectiva que as duas partes iniciais traçam a história dos elementos que cristalizaram no totalitarismo entre o final do século XVIII até o século XIX, dentre eles: a decadência do Estado-nação, o racismo, a expansão pela expansão e a aliança entre o capital e as massas. Segundo Canovan, Arendt não considerava o anti-semitismo como o mais fundamental elemento cristalizador do totalitarismo, embora tenha um papel importante⁶.

Para Arendt, o anti-semitismo colaborou indiretamente para o surgimento do totalitarismo, através de seu forte vínculo ao fortalecimento do Estado, o que de certa forma angariou para si as irritações da sociedade civil⁷. Por outro lado, de acordo mais uma vez com Canovan, “eles tinham, por exemplo, sua compreensão de si mesmo secularizados como o ‘povo escolhido’, e, desse modo, contribuíram para a elaboração da teoria racista”⁸. Já o imperialismo, fruto da emancipação da burguesia que passa a assumir a gestão do Estado na Europa, era totalmente diferente do nacionalismo; seu racismo, expansionismo e burocracia influenciaram fortemente a mentalidade dos movimentos totalitários do pós-guerra.

Assim sendo, os séculos anteriores foram decisivos para que o terror totalitário do século XIX pudesse se tornar possível, de modo que, na opinião de Arendt o totalitarismo é como um herdeiro direto do imperialismo⁹. No entanto, mesmo tendo todos os elementos mencionados anteriormente como seus cristalizadores e sendo herdeiro direto do imperialismo, o totalitarismo promoveu uma profunda ruptura na tradição do pensamento político Ocidental que começou desde Platão e Aristóteles. Essa ruptura significa que não existe mais aquela tradição “que serve de suporte que seleciona e nomeia, que transmite e

⁴Cf. DUARTE, André. *O Pensamento à Sombra da Ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt*, p. 34.

⁵Cf. TSAO, Roy T. *The Three Phases of Arendt's Theory of Totalitarianism*, pp. 581 e 588.

⁶CANOVAN, Margareth. *Hannah Arendt: a re-interpretation of her political thought*, p. 28.

⁷Cf. LAFER, Celso. *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder*, p.25.

⁸CANOVAN, Margareth. *Hannah Arendt: a re-interpretation of her political thought*, p. 44.

⁹ Cf. Ibid, p. 58.

preserva, que indica os rumos a serem seguidos”¹⁰, tradição essa que era bem presente ainda no imperialismo.

Arendt frisa que “o fim da tradição, ao que parece, começa com o colapso da autoridade, e não com o questionamento do seu conteúdo substancial”¹¹. Nesse sentido, Arendt aponta Kierkegaard, Marx e Nietzsche, como aqueles que na modernidade promoveram a adoção do marco da tradição e uma profunda rejeição de sua autoridade. Logo, com o fim da tradição, perde-se também a referência a uma autoridade em que se basear, pois “com a perda da tradição perdemos o fio que nos guiou com segurança pelos vastos domínios do passado”¹². Portanto, sem essa autoridade passamos a correr o risco de que toda a dimensão constituinte do passado caia no esquecimento.

Podemos dizer que o nazismo começa justamente pela violação de todas as tradições do passado ocidental, não tendo suas origens em nenhum resquício da tradição alemã, sendo portador de uma “novidade radical” e de uma descontinuidade que é contraposta por Arendt à tese historiográfica de continuidade. De tal modo que, o grande perigo do totalitarismo e em especial do nazismo, está justamente no fato de que ele “começa sem nenhuma base na tradição, e seria melhor perceber o perigo dessa negação radical de qualquer tradição, que foi desde o começo o traço principal do nazismo”¹³, visto que a total negação da tradição põe fim a qualquer noção de responsabilidade, permitindo assim a criação dos campos de concentração e extermínio.

Embora os elementos que cristalizaram o totalitarismo sejam fundamentais para a compreensão dessa nova forma de governo, motivo pelo qual Arendt dedicou às duas primeiras partes de *Origens do Totalitarismo* a abordagem desses elementos, nos interessa por enquanto somente a última parte dessa obra, em que a autora analisa o totalitarismo a partir dos regimes nazista e bolchevista, dedicando maior atenção ao regime nazista do qual ela dispunha de mais informações e documentações; porém, isso não inviabiliza o fato de que possamos retornar as abordagens feitas nos capítulos do antissemitismo e principalmente no último capítulo da segunda parte, intitulado: *o declínio do Estado-nação e o fim dos direitos do homem*, que é uma adaptação de um artigo que Arendt tinha publicado separadamente entre 1942 e 1943¹⁴, no qual ela analisa e repensa a condição de universalidade dos Direitos Humanos. Assim, como já mencionamos, Hannah Arendt apresenta o totalitarismo como

¹⁰SCHIO, Sônia Maria. *Hannah Arendt: história e liberdade (da ação a reflexão)*, p. 31.

¹¹ARENDR, Hannah. *A promessa da política*, p. 120.

¹²ARENDR, Hannah. *Entre o passado e o futuro*, p. 130.

¹³ARENDR, Hannah. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo (ensaio)*, p. 137.

¹⁴Cf. TSAO, Roy T. *The Three Phases of Arendt's Theory of Totalitarianism*, p. 583.

sendo o portador de uma “novidade radical” e de uma profunda descontinuidade, o que dificulta o seu entendimento, não permitindo compará-lo com nenhuma outra categoria presente na história¹⁵, sejam elas: tirania, despotismo ou democracia.

A primeira diferença fundamental entre o totalitarismo e as demais categorias presentes na história está no fato de que o terror totalitário “se volta não só contra os seus inimigos, mas também contra os seus amigos e defensores”¹⁶; uma segunda diferença seria sua radicalidade, que o torna capaz de eliminar não somente a liberdade de ação dos indivíduos como faziam as tiranias através do isolamento político, mas também o próprio elemento da ação, destruindo assim qualquer possibilidade efetiva de surgimento da política, que acontece somente na pluralidade dos homens.

A percepção de Arendt do surgimento de um novo tipo de governo fez com que ela procurasse compreender as características básicas e funções que possibilitaram tal acontecimento. De acordo com Tsao, o pensamento arendtiano divide o totalitarismo em três fases formalmente sucessivas, que são: o poder enquanto pré-estágio, a consolidação e o exercício do poder estatal e a dominação total¹⁷. A preocupação fundamental de Arendt não é a origem histórica do totalitarismo, mas como os líderes totalitários conseguiram ultrapassar esses estágios citados, a ponto de sua organização os levar ao poder.

3. Os estágios do totalitarismo

Tentaremos mostrar no decorrer dessas linhas como os movimentos totalitários protagonizados por Hitler e Stalin organizaram-se para chegar ao domínio total. Assim, adotaremos a divisão do totalitarismo em três estágios, começando por analisar aquele que é o primeiro estágio ou pré-estágio do totalitarismo, o “movimento totalitário”; esse estágio não pode ser comparado ao governo totalitário e a nenhum governo no sentido tradicional. Segundo Tsao, o que Arendt entende por movimento totalitário é “um padrão concêntrico de organização, cujo núcleo é um partido altamente disciplinado e cujo perímetro central pode ou não se estender às instituições de governo”¹⁸, dependendo do estágio em que o movimento se encontra. Os movimentos totalitários encontraram terreno para seu desenvolvimento no grande número de indivíduos que após a primeira guerra mundial não tinham um sistema em que se conformar.

¹⁵Cf. BIGNOTTO, Newton. *Totalitarismo e liberdade no pensamento de Hannah Arendt*, 2001, p. 112.

¹⁶ARENDR, Hannah. *Crise da República*, p. 132.

¹⁷Cf. TSAO, Roy T. *The Three Phases of Arendt's Theory of Totalitarianism*, p. 591.

¹⁸Ibid, p. 592.

Foi, portanto, no solo de uma sociedade fragmentada que surgiram os indivíduos que tinham como principais características o isolamento, a falta de interesse comum, a apatia política e a estupidez, que formavam a sociedade de massas¹⁹ oriundas da revolução Industrial. Para Arendt,

O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido a seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder de voto²⁰

Logo, foram os homens atomizados que nunca haviam participado da política, que se tornaram a base para os movimentos totalitários, passando a constituir o maior número de seus adeptos fanáticos. Desse modo, podemos dizer que “os movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados”²¹, homens insatisfeitos e desesperados, sem interesse comum, reduzidos à condição biológica, que mantinham suas cabeças baixas e recusavam-se a pensar sobre as atrocidades que estavam cometendo, tornando-se membros desses movimentos de maneira inteiramente altruísta.

Essas massas de indivíduos atomizados são atraídas pelo totalitarismo através da propaganda²², que passou a ser utilizada na política e “que não enseja formar uma opinião, mas provocar um comportamento, gerar uma atuação”²³, sendo responsável pela criação do mundo fictício dos movimentos totalitários, oferecendo uma realidade coerente por meio da pura imaginação. A propaganda tem sua força na capacidade irresistível e atraente de isolar os indivíduos atomizados do mundo real, pois o mundo real representa uma ameaça às pretensões totalitárias de domínio global. O anseio das massas pela coerência levou os movimentos totalitários a criarem um falso mundo de coerência, baseado nas mentiras “que necessitam para transpor o abismo entre a realidade e a ficção”²⁴.

Os movimentos totalitários usaram da propaganda e da mentira na política para burlar a realidade, tornando a história extremamente previsível, de modo que a “verdade digna de

¹⁹ Quando Arendt fala das massas ela está se referendo mais especificamente as experiências bolchevistas, pois o desprendimento dos adeptos das massas se aproxima mais daquele inspirado em um tipo de bolchevismo. (Cf. TSAO, Roy T. *The Three Phases of Arendt's Theory of Totalitarianism*, p. 602)

²⁰ ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*, p. 361.

²¹ *Ibid*, p. 371.

²² Diferente da ralé e da elite, que segundo Arendt são atraídas não pela propaganda, mas pelo ímpeto do totalitarismo. (Cf. ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*, p. 390).

²³ AGUIAR, Odílio Alves. *Veracidade e propaganda*, p. 9.

²⁴ ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*, p. 402.

confiança desaparece por completo da vida pública, e com ela o principal fator de estabilização nos cambiantes assuntos dos homens”²⁵. Dentre as mentiras criadas pela propaganda totalitária a mais eficaz foi à suposição de uma conspiração mundial judaica, que se tornou o principal elemento da fictícia realidade nazista²⁶, e que eles utilizaram como expediente organizacional no extermínio do povo judeu. A propaganda e a mentira tornaram-se assim a base da organização totalitária, utilizada para a criação de um mundo inteiramente ilusório e distante do mundo real, “cuja principal desvantagem é não ser lógico, coerente e organizado”²⁷.

No centro desse movimento está a figura do Líder, que assume um papel de destaque principalmente pela áurea da infalibilidade de seus atos²⁸. O Líder conquista a credulidade dos simpatizantes tornando suas mentiras e ficções aceitáveis para o mundo exterior e impedindo que a verdade do mundo real venha à tona²⁹. Porém, para Arendt, o que caracteriza a crença na infalibilidade do Líder não é a lealdade, “mas a convenção de que pode tornar-se infalível qualquer pessoa que comande os instrumentos de violência com os méritos superiores da organização totalitária”³⁰.

Assim sendo, podemos dizer que o totalitarismo evita constantemente o confronto com a realidade, livrando os homens da imprevisibilidade da vida e eliminando sempre qualquer realidade rival que possa se sobrepôr a suas pretensões de domínio global. A partir daqui podemos avançar para aquele que é o segundo estágio do totalitarismo no pensamento de Arendt: sua consolidação e o exercício do poder estatal, onde o totalitarismo passa a utilizar a administração do Estado para seu objetivo de domínio total da população da terra; ao mesmo tempo em que instaura a Polícia Secreta com a finalidade de transformar a ficção em realidade.

Parafraseando Hannah Arendt, “o Estado totalitário é o herdeiro lógico do movimento totalitário, do qual deriva a sua estrutura organizacional”³¹. Assim, quando o totalitarismo chega ao poder estatal e estabelece o Estado totalitário, cria um estado de permanente ilegalidade, destruindo qualquer perspectiva de se chegar a algum tipo de normalização e

²⁵ ARENDT, Hannah. *Crises da República*, p. 17.

²⁶ Cf. ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*, pp. 403 e 411.

²⁷ *Ibid*, p. 411.

²⁸ Segundo Arendt, o maior mandamento do movimento é o fato de que o ‘Führer sempre tem razão’ (Cf. ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*, p. 432)

²⁹ Segundo Arendt, os governantes totalitários tinham de encarar dois problemas: “proteger o mundo fictício do movimento (ou do país totalitário) contra o impacto da realidade, e de manter a aparência de normalidade e de bom senso perante o mundo normal de fora. (ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*, p. 470). Desse modo, o Líder garantia para as massas: a sua onipotência e a coerência dos fatos com a realidade.

³⁰ ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*, p. 438.

³¹ *Ibid*, p. 470.

mantendo cada vez mais os indivíduos isolados e presos as suas ficções. Para Arendt, o fato mais intrigante do Estado totalitário é a “coexistência (ou conflito) de uma dupla autoridade, o partido e o Estado”³², sendo que o verdadeiro poder está sempre nas mãos do partido. Logo, a conquista do poder pelo nazismo na Alemanha representou a destruição de todas as estruturas de governo existente, abrindo espaço para a duplicação dos órgãos e divisão da autoridade, deixando o poder real nas mãos do partido e o poder aparente para o Estado, que não é alterado de sua condição, mas passa a servir apenas como fachada.

Após a chegada ao poder, os governos totalitários não se basearam em nenhum princípio de autoridade hierárquica, sua autoridade vem diretamente do Líder, que visa através do domínio totalitário³³ a “abolição da liberdade, até mesmo à eliminação de toda liberdade humana e não a simples restrição, por mais tirânica que seja, da liberdade”³⁴. Desse modo, o domínio totalitário, que tem em sua base o isolamento de indivíduos atomizados, não só destrói a liberdade dos outros como também nega a sua própria liberdade com o fim de alcançar a realização de sua ideologia.

Para Arendt, o que move a organização totalitária é “a fé inabalável num mundo ideológico fictício e não o desejo de poder”³⁵. Nesse sentido, o totalitarismo é completamente livre de qualquer consideração utilitária e indiferente ao interesse nacional e ao bem do povo, pois sua única preocupação é a utopia totalitária do futuro domínio global. A pretensão de concretização desse desejo de domínio global levou os regimes totalitários a cometerem assassinatos em massa, destruindo várias camadas da população a partir de um método de identificação ideológica da Polícia Secreta, que elegia determinado grupo de pessoas como inimigos objetivos do regime. Assim, o domínio totalitário consegue atingir um nível tão arbitrário que o “inocente e culpado são igualmente indesejáveis”³⁶. A posição é compreensível pelo fato desses governos não estarem baseados em um ideal de justiça e sabedoria, mas sim preocupados na execução das leis do movimento da História e da Natureza.

O terceiro estágio do totalitarismo é configurado pela experiência dos campos de concentração; já existiam campos de concentração antes do totalitarismo; a grande novidade dos criados pelo totalitarismo foi seu extremo potencial de extermínio humano, no qual suas

³² ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*, p. 445.

³³ Até hoje só tivemos conhecimento da existência de duas formas de domínio totalitário: A ditadura do nacional-socialismo (1938) e a ditadura bolchevista (1930). (Cf. ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*, p. 469)

³⁴ Ibid, p. 455.

³⁵ Ibid, p. 467.

³⁶ ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*, p. 483.

vítimas desapareceram sem deixar nenhum vestígio, tendo sua própria existência apagada. A questão que se apresenta para Arendt, e que tentaremos explicitar nas linhas que seguem é: como compreender o que de fato aconteceu nesses campos de concentração e extermínio? Como a experiência dos campos de extermínio se tornou realmente possível? E de que maneira esses campos se tornaram espaços de naturalização de seres humanos?

O que levou Arendt a escrever sobre o totalitarismo e foi decisivo na sua tentativa de compreender esses regimes, foi sem dúvida a existência dos campos de concentração e em especial, Auschwitz. Quando Arendt soube da experiência dos campos de concentração e extermínio, ela não acreditou que de fato isso estivesse acontecendo. Assim, Arendt declarou em uma entrevista cedida a Günther Gaus, em 1964, quando de sua descoberta da existência de Auchwitz: “isso não deveria está acontecendo. E não me refiro apenas ao número de vítimas. Eu me refiro ao método, à fabricação de cadáveres e assim por diante (...) Isso não era para ter acontecido”³⁷.

Portanto, foram as experiências dos campos de concentração e extermínio que levaram nossa autora a tentar compreender o terror e a novidade dos regimes totalitários de nosso século. Assim, para Arendt, os campos de concentração e extermínio são a instituição central do regime totalitário e seu fundamento; se não conseguirmos compreender isso, dificilmente conseguiremos compreender o resto de sua argumentação. Para a autora, os campos funcionam “como laboratórios onde se demonstra a crença fundamental do totalitarismo de que tudo é possível”³⁸. Desse modo, “não existe totalitarismo sem campo de concentração”³⁹. Logo, foi a partir dos campos que a experiência de desumanização e naturalização dos seres humanos se efetivou de fato. Nos campos o domínio da natureza humana ocorreu em todas as dimensões, tornando o homem um “animal” pervertido de todos os atributos que lhe garantiam a humanidade.

Ora, a primeira e essencial medida para quem aspira ao domínio total “é matar a personalidade jurídica do homem”⁴⁰, colocando-o fora da lei e do sistema normal penal, na condição de cadáveres vivos. De acordo com Siviero, “a destruição da pessoa jurídica do homem é necessária para posteriormente dominá-lo”⁴¹. Cabe aqui, mencionar as palavras de Primo Levi, em seu livro “*É isto um homem?*”, quando relata a maneira como ele, enquanto integrante do Campo, compreendia aquela realidade: “para nós, o Campo não é uma punição;

³⁷ARENDR, Hannah. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo (ensaios)*, p. 43.

³⁸ARENDR, Hannah. *Origens do Totalitarismo*, p. 488.

³⁹AGUIAR, Odílio Alves. *Filosofia, Política e Ética em Hannah Arendt*, p. 210.

⁴⁰ARENDR, Hannah. *Origens do Totalitarismo*, p. 498.

⁴¹ SIVIERO, Iltomar. *Sentido da Política: um estudo em Hannah Arendt*, 2008, p.77.

para nós não está previsto um prazo; o Campo é apenas um gênero de existência que nos foi atribuído, sem limites de tempo, dentro da estrutura alemã⁴². Portanto, os campos não deveriam ser vistos como modo de castigar alguém por algum crime cometido, mas como espaço de naturalização que privava os seres humanos de seus direitos e de sua capacidade de agir e pensar.

A segunda medida necessária ao domínio total seria matar a pessoa moral do indivíduo, que garante a sua identidade única. Assim, os campos de concentração abandonaram os indivíduos ao puro esquecimento, onde não existe espaço para dor e recordação e onde até o direito de ser lembrado lhe é era tolhido. A própria morte foi roubada dos indivíduos, pois uma vez abandonado em um campo torna-se impossível saber se aquele prisioneiro está vivo ou morto. Portanto, já destituídos de toda cidadania, ou seja, do direito a ter direito, restou somente a esses presos a pura individualidade, que é sistematicamente destruída através do tratamento bestial a que eram submetidos nos campos de concentração⁴³.

Assim, podemos dizer que um dos principais objetivos do domínio totalitário, através de seus campos de concentração e extermínio, seria negar a identidade dos indivíduos, convertendo os seres humanos em criaturas infra-humanas, estáticas e sem nenhum tipo de espontaneidade, incapazes de qualquer imprevisibilidade. Nessa perspectiva, o ser humano é entregue ao mundo das necessidades vitais, refém do metabolismo biológico e incapaz de qualquer ação que possa qualificá-lo enquanto ser de potencialidades, tornando-se assim um ser absolutamente supérfluo.

Por fim, podemos dizer que por traz de toda essa experiência de dominação e superfluidade dos homens, encontra-se o interesse totalitário de tornar os campos espaço de naturalização dos homens⁴⁴. Segundo Arendt, “o que as ideologias totalitárias visam, portanto, não é a transformação do mundo exterior ou a transmutação revolucionária da sociedade, mas a transformação da própria natureza do homem”⁴⁵. O que se encontra por traz de todas essas ideologias não é um desejo de poder ou amor a expansão e ao lucro como no imperialismo, mas é a tentativa de destruir a dignidade humana e a capacidade que os homens tem de iniciar algo novo, através de mecanismos de controle que visam tornar os homens seres supérfluos. Portanto, o grande risco a que estamos expostos, e que foi bem percebido

⁴² LEVI, Primo. *É isto um homem?*, 1988, p. 84.

⁴³Cf CANOVAN, Margareth. *Hannah Arendt: a re-interpretation of her political thought*, p. 60.

⁴⁴ Sobre essa tentativa de naturalização dos seres humanos, de redução do homem a condição de simples membro da espécie, cito novamente Primo Levi, quando menciona que “a voz do campo, a expressão sensorial de sua geométrica loucura, da determinação dos outros em nos aniquilar, primeiro, como seres humanos, para depois matar-nos lentamente” (LEVI, Primo. *É isto um homem?*, p. 50), assim, o campo torna os homens mortos vivos, seres preocupados somente em manter seu corpo biológico vivo.

⁴⁵ARENDDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*, p. 510.

tanto por Arendt como por Agamben, é que essas experiências permaneçam conosco de agora em diante, pois “as soluções totalitárias podem muito bem sobreviver à queda dos regimes totalitários sob a forma de forte tentação que surgirá sempre que pareça impossível aliviar a miséria política, social ou econômica de um modo digno do homem”⁴⁶. Assim sendo, muitos desses elementos totalitários ainda se encontram presentes nos dias atuais, o que nos leva a crer que a derrota desses regimes não eliminou seu potencial diante do enorme número de massas humanas existentes na modernidade.

4. Considerações finais

Refletir sobre o fenômeno totalitários à luz do pensamento de Hannah Arendt representar, sobretudo, analisar o terror que foram os regimes totalitários, conforme a própria Arendt certa vez afirmou, é preciso “tentar narrar e compreender o que havia acontecido [...] com certa tendência à lamentação, mas sem a cólera muda e o horror impotente”⁴⁷. Desse modo, a atenção de Arendt voltou-se não somente para a novidade desses eventos, mas também para tentar compreender seu significado para nossos dias e comensura o risco de sua permanência conosco de agora em diante. Arendt conseguiu ver nos campos de concentração e extermínio dos regimes totalitários uma tentativa de assemelhar a espécie humana às demais espécies animais, destruindo assim qualquer possibilidade de liberdade entre os indivíduos.

Portanto, abordar o problema do totalitarismo e de suas diferentes fases, bem como o surgimento dos campos de concentração e extermínio no pensamento de Hannah Arendt, trouxe à tona outros problemas que assolam da modernidade, isto é, o fato da vida humana ter se tornado o principal interesse e objetivo da política. Assim, Arendt observa que, como consequência do totalitarismo temos nos dias de hoje um constante processo de redução e naturalização da vida humana, que traz como consequência a privação do espaço reservado à liberdade e à espontaneidade, além do aprisionamento dos homens a mera esfera das necessidades biológicas. Tais questões nos devem nos levar a pensar constantemente sobre “o que estamos fazendo”⁴⁸.

⁴⁶Ibid, p. 511.

⁴⁷ ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*, p. 339.

⁴⁸ ARENDT, Hannah. A condição humana, p. 6.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Odílio Alves. Veracidade e propaganda. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, São Paulo, n. 10, p.7-17, janeiro, 2007.

_____. *Filosofia, Política e Ética em Hannah Arendt*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo, revisão técnica: Adriano Correia. 11º Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. *A promessa da política*. Organização e introdução de Jerome Kuhn. Trad. Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008a.

_____. *Crises da República*. Tradução de José Volkmann. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo (ensaios)*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. *Entre o Passado e o Futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2007a.

_____. *Origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BIGNOTTO, Newton. *Totalitarismo e liberdade no pensamento de Hannah Arendt*. In: JARDIM DE MORAIS, Eduardo; BIGNOTTO, Newton (Org.). *Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

CANOVAN, Margareth. *Hannah Arendt: a re-interpretation of her political thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

DUARTE, André. *O Pensamento à Sombra da Ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SCHIO, Sônia Maria. *Hannah Arendt: história e liberdade (da ação a reflexão)*. Caxias do Sul: Edues, 2006.

SIVIERO, Iltomar. *Sentido da Política: um estudo em Hannah Arendt*. Passo Fundo: Instituto Superior de Filosofia Berthier, 2008.

LAFER, Celso. *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder*. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p.84.

TSAO, Roy T. *The Three Phases of Arendt's Theory of Totalitarianism*. IN: *Social Research*, V. 69, n. 02, p.579-619, 2002.